



DESAFIANDO A PANDEMIA DE COVID-19 COM QUALIFICAÇÃO ACADÊMICA

Antônio Jorlan Soares de Abreu ¹

RESUMO

Com o advento inesperado de uma pandemia, e o processo de isolamento social, diversos foram os problemas de ordem psicológica, emocional, educacional e financeira que afloraram na população mundial, no entanto, não somente de aspectos negativos se vive na pandemia, a informação e a circulação da mesma está tendo fator de destaque, por promover o diálogo, suscitar discussões e manter a população atenta aos acontecimentos. A busca por conhecimento em geral passa por uma formação acadêmica, e em meio à crise pandêmica e a necessidade de distanciamento social, projetou-se com mais força a possibilidade de uma formação superior (graduação e pós-graduação) no formato remoto e de educação à distância. O objetivo é apresentar as saídas produtivas no campo da formação acadêmica, no uso da tecnologia EAD e remota, desafiando o discurso de baixa qualidade na formação universitária. Um dos fatores positivos além da própria formação é a proximidade proporcionada entre pessoas dos mais distantes lugares, através do uso de plataformas digitais. Enquanto metodologia o relato de experiência de quem iniciou uma graduação na área de jornalismo em meio a produção de uma qualificação de mestrado, além da participação em eventos e produções acadêmicas, tornando um laboratório sem contenção de paredes para a prática do jornalismo. Os resultados apresentados conduzem para uma maior produção erudita e concentração no desenvolvimento intelectual, além de refúgio contra problemas emocionais, os quais o ócio promove com facilidade quando encontra campo fértil. A experiência não é uma panaceia, mas traz/conduz a bons resultados.

Palavras-chave: Comunicação, Mediações, Formação Acadêmica, Tecnologia, EaD.

INTRODUÇÃO

A educação e a comunicação mais uma vez foram colocadas à prova diante de uma crise pandêmica que conduziu ao distanciamento social e reflexos diretos na economia e na qualidade de vida. Deixando exposto a fragilidade do sistema econômico mundial (globalização) e evidenciando mais ainda a desigualdade social, principalmente quando se refere à educação e acesso a internet de qualidade. O objetivo neste trabalho é apresentar as saídas produtivas no campo da formação acadêmica, no uso da tecnologia EAD e remota, desafiando o discurso de baixa qualidade na formação universitária. Um dos fatores positivos além da própria formação é a proximidade proporcionada entre pessoas dos mais distantes lugares, através do uso de plataformas digitais.

A discussão metodológica está pautada em um relato de experiência e aportes acadêmicos que discursam a respeito de comunicação, educação e pandemia, que reforçam e sustentam as inferências abduativas, dedutivas e indutivas tangenciadas pela experiência vivida.

¹ Doutorando e Mestre em Ciências da Comunicação (UNISINOS), Graduando do Curso de Jornalismo da Faculdade Católica Paulista (FACAP) - Marília (SP), antonio.abreu@ifma.edu.br.

Em suma, o diálogo transcorre trazendo inicialmente o cenário da circulação midiática, passando pelo caos instalado, segue para o processo de qualificação e os desafios estabelecidos, que colocam em xeque as metodologias de ensino que culmina com o relato, todos estes processos promovidos no entorno da Covid-19. E sintetiza em uma breve consideração, tendo em vista os elementos expostos.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo consiste em consulta à literatura cinzenta (artigos científicos), livros, sites educacionais e governamentais, pressupostos abduativos, dedutivos e indutivos que configuram como suporte ao relato de experiência versando sobre educação, pandemia e tecnologia.

REFERENCIAL TEÓRICO

Cenário

O jornalismo em circulação midiática, desempenha seu papel diuturnamente, para manter seus leitores/infomidiáticos atualizado dos fatos e acontecimentos que transitam em todos os lugares da terra e fora dela.

O papel do profissional da imprensa é alertar em toda a sua extensão de nervura humana, uma vez jornalista, sempre o senso jornalista fala mais alto. Os acontecimentos em debates e/ou evidência geralmente giram em torno da política, economia, educação, religião, ciência, meio ambiente, tecnologia, esportes, negócios, guerras e lazer, em geral são sempre estas mesmas pautas que compõem a agenda *setting* das redações e onde se especializam os jornalistas.

Tragédias são sempre anunciadas, e debates sempre acalorados, no entanto, mesmo diante das propostas da ficção, a população mundial não acreditava, ou pelo menos a maioria jamais tinha imaginado em um ser tão pequeno, invisível a olho nu, que pudesse paralisar o planeta terra.

Mas foi assim que aconteceu, a partir do momento que a Organização Mundial de Saúde (OMS), presidida pelo etíope Tedros Adhanom Ghebreyesus, declarou em 11 de março de 2020, que estávamos em uma pandemia, devido ao estado de contaminação de Covid-19, uma doença provocada pelo novo coronavírus (Sars-Cov-2).

O que inicialmente a população mundial pensou, tratar apenas de uma quarentena (de 14 dias), foram renovadas a cada momento e elevando ainda mais o nível de criticidade da doença, conduzindo de forma compulsória o isolamento e distanciamento social.

Estas medidas de contenção da doença não foram suficientes para frear um pandemônio em todo o planeta, e alterar significativamente da noite para o dia a vida das pessoas.

Mudanças de comportamento foram sentidas logo que os primeiros quatorze dias foram protelados e uma sucessão de medidas foram tomadas para manter a população dentro de casa, alguns setores foram impossíveis de seguir a regra, as exceções estavam ligadas a saúde, alimentação e comunicação em especial. Outros setores ligados direta e indiretamente também se enquadravam.

E quanto à educação? Mola propulsora para o desenvolvimento de qualquer área de conhecimento e desenvolvimento foi profundamente afetada, principalmente a base de formação e o modelo hegemônico até então proposto.

No entanto, não somente de tragédias e negatividade a pandemia foi palco. A ciência, mesmo com escassos recursos, reuniu vários cientistas em uma rede internacional de troca de experiências em tempo real, cada um em seu país de origem, tendo a tecnologia como forma de compartilhamento em prol de um bem comum.

Na comunicação, para o combate das notícias falsas a imprensa se organizou em formato de conglomerado, compartilhando informações verdadeiras e falando em uma voz, tendo uma fonte confiável, elemento que proporcionou um retorno de confiabilidade da sociedade para com o jornalismo.

A capacitação de forma remota teve impulso na metodologia EaD, o modelo desenvolvido já a algum tempo e que diante do processo pandêmico, se mostrou como uma alternativa viável e ganhando adeptos a cada momento em que a crise sanitária se prolongava. Quem soube agarrar no primeiro momento, conclui e ou está concluindo curso de curta duração e de graduação ou pós-graduação.

Pandemônio

O advento inesperado de uma pandemia, e o processo de distanciamento social, desencadeou uma sequência de acontecimentos que, mesmo dois anos após o pronunciamento do diretor-geral da OMS, o mundo ainda convive com as consequências geradas a partir deste vírus visível somente através de microscopia eletrônica.

Os resultados dessa crise pandêmica, afetou a população em seu psicológico, impulsionando ainda mais a promoção do então famigerado mal do século, me refiro aqui à depressão.

O custo cada dia maior pago pelos cidadãos e pelos governos pelo seu tratamento, o espaço privilegiado que o tema “depressão” alcança nos órgãos de divulgação médica especializada e nos meios de divulgação de massa, o fato de não ter sido eficientemente



diagnosticada nas duas ou três últimas décadas, somados a todos outros fatores, pode ser o que a faz parecer, no momento, mais presente, inquietante, significativa (VIEIRA, 2018, p. 5).

A fala de Vieira, antecede a crise de Covid-19, no entanto, contextualiza o momento presente, o que nos leva para uma interpretação avizinhada, não se trata de uma premonição, mas de uma realidade que assola a humanidade à bastante tempo, porém, não diagnosticada na condição de enfermidade, este diagnóstico tardio, resultou em um número elevado de pessoas a ingressarem no século XXI, com uma indicação substancial dessa diagnose “depressão”.

Não obstante a este fator, e a todas as consequências que esta doença provoca no cidadão e na cidadã, a pandemia surge de forma assustadora e ceifando de forma descomunal idosos, adultos e pessoas com comorbidades, conduzindo para um isolamento social, levando à um ambiente propício para a acomodação da depressão-doença. Vieira (2018, p. 7 grifo nosso) apresenta que “Os sintomas mais frequentes da DD (**Depressão-Doença**) são ansiedade, insônia, fadiga, dificuldade de concentração, transtornos do sono, sentimento de tristeza, sentimento de culpa, desamparo, inutilidade, falta de esperança, pensamentos de morte e/ou de suicídio”.

Refletimos então, este quadro diagnóstico para o paciente que agora foi obrigado a permanecer dentro de casa, sem contato de toque com o mundo exterior, todas as suas fontes de informação chegam através dos meios de comunicação de massa, e o acesso ao espaço midiático torna-se muito mais corriqueiro, e bem mais próximo, onde nem sempre notícias verdadeiras são propagadas.

A onda de negacionismo, por incrível que pareça, surge de onde menos se espera, governos e cientistas, grupos que deveriam estar na dianteira da propagação de notícias esclarecedoras e da motivação de alertas constantes de prevenção, utilizam dos canais de comunicação social para disseminar notícias falsas, levando a população menos esclarecida a tomarem atitudes contrárias ao bom desempenho na luta contra a Covid-19.

Aliado a este negacionismo, a enxurrada de notícias que não condizem com a verdade, o distanciamento social e a existência da depressão doença, o número de suicídios tende a ter uma alta. Os casos de Sars-Cov-2 crescem de forma assustadora, e mais assustador é o número de pessoas que chegam a óbito. Seja por falta de cuidado, seja por precariedade financeira em adquirir água e sabão para um simples ato de lavar as mãos, a aquisição e uso de álcool 70% (em gel ou líquido), o não uso de máscara e/ou aqueles que se encontram na linha de frente de combate à pandemia e por isso tornam-se presas fáceis.

O emocional fica abalado pela morte de um ente querido (familiar, amigos, personalidades), pela forma abrupta com que este vírus se espalhou e vem causando grande

comoção mundial e acomodando nos lares perdidos e desestruturando casas com ausência de pessoas que eram o alicerce do lar.

A vulnerabilidade social e econômica afetou grande número de crianças e adolescentes, tornando-se símbolo de uma pandemia que vem marcando drástica e irreversivelmente uma geração de brasileiros. Segundo estimativas, mais de 113 mil menores de idade brasileiros perderam o pai, a mãe ou ambos para a Covid- 19 entre março de 2020 e abril de 2021. Se consideradas as crianças e adolescentes que tinham como principal cuidador os avós/avôs, esse número salta para 130 mil no país (BRASIL, 2021, s/l).

Diretamente afetados fica o emocional destas crianças e jovens, que em muitos casos perderam pai e mãe, e tem que conviver com a ausência dos seus representantes direto, e com uma alimentação precarizada e um futuro incerto. Abalo emocional, psicológico, educacional e financeiro.

Neste apreço pela notícia de qualidade, pela disseminação da verdade e conteúdo de respeito e apelo à sociedade, que se faz presente o jornalista e o jornalismo sério.

A Universidade de Fortaleza (UNIFOR, 2020, s/l) afirma que a melhor alternativa de combate a desinformação é “Checar, checar e checar novamente. Foi apostando no cruzamento rigoroso de fontes oficiais diversas que os veículos tradicionais, [...] voltaram a figurar como importantes filtros para olhar nos olhos da pandemia”.

A fala é direcionada aos profissionais da imprensa, que lutam dentro do sistema para mostrar que existem profissionais sérios, competentes, responsáveis e comprometidos com a verdade e com seus leitores. A imprensa passou a configurar na condição de vilã, ou de agente não confiável, diante de tantas notícias falsas que trafegam no ambiente midiático da comunicação social.

Apesar de todo este atropelo e de uma onda negativa, o jornalismo vem se configurando como o grande porta-voz na promoção de notícias à população. “A mídia determina a pauta de quais os temas de maior relevância que serão trabalhados e quais serão destacados” (ABREU, 2019, p. 4). Mas a pauta dessa vez foi ditada pela crise de Covid-19, que emoldurou as mais importantes falas e noticiários da tevê, do rádio, dos *outdoors*, e dos principais canais midiáticos.

De forma geral, por praticamente dois anos (2020/2021), todo o enredo jornalístico girou em torno da pandemia, os desdobramentos ficaram por conta, do negacionismo, da descoberta e produção de vacinas, das guerras eleitoreiras em tirar vantagens em meio as covas rasas e abertas coletivamente, resistência em não tomar a vacina, ausência de respiradores, novas variantes/cepas, dos desvios de recursos da saúde, do avanço no número de vacinados, da falta de investimento para com a ciência, do trabalho exemplar do SUS e etc.



É necessário sublinhar que não somente de aspectos negativos se vive na pandemia, a informação e a circulação da mesma está tendo fator de destaque, por promover o diálogo, suscitar discussões e manter a população atenta aos acontecimentos, e foi na busca de conhecimento que a pandemia foi desafiada com a busca de qualificação acadêmica.

Qualificação

Sob o olhar das pesquisadoras Nascimento e Cruz (2021), acerca da discussão pandemia *versus* educação, possui rima forte com empreendedorismo *versus* desenvolvimento capitalista, pautados na Teoria do Capital Humano (TCH) de Schultz (1962).

Se por um lado a pandemia da Covid-19 trouxe muitos prejuízos econômicos, sociais e psicológicos aos estudantes e seus familiares, em virtude da crise econômica que se instalou no Brasil, ressaltamos que para alguns setores ela tem sido uma oportunidade de “crescimento”, principalmente para empresas que atuam no ramo da educação (NASCIMENTO e CRUZ, 2021, p. 267).

Dada a relevância da discussão, ingresso na seara da administração, formação acadêmica e tecnologia. Esta tríade apresenta-se com bastante força, e como bem comentou as pesquisadoras Nascimento e Cruz (2021) que durante a pandemia e com o suporte de corporações internacionais, a EaD parece ter encontrado a alavanca que faltava para a sua intensificação e robustecimento.

A Educação a Distância (EaD) no Brasil está regulamentada no artigo 80 da Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB), 9.392 de 20 de dezembro de 1996, nela o poder público estimula o desenvolvimento de programas de EaD em todos os níveis e modalidades de ensino e de educação continuada (BRASIL, 1996).

A reestruturação e as discussões no Brasil procuram acompanhar padrões norte-americanos e europeus, onde possuem uma qualificação e modelos estruturais muito mais solidificados e tecnologicamente modernos, além de uma cultura bem distinta desta que ocorre nesta parte da América e lado do Atlântico.

Durante este primeiro quarto de século de implantação da lei, algumas mudanças ocorreram na área tecnológica, com isso uma alteração ocorreu na seção 4, parágrafo I em 2012, que acrescentou à redação quanto aos “custos de transmissão reduzidos em canais comerciais de radiodifusão sonora e de sons e imagens **e em outros meios de comunicação que sejam explorados mediante autorização, concessão ou permissão do poder público.**

Pode parecer óbvio, mas naquele momento, lá em 1996, a internet não configurava com tão grande força e influência, principalmente como meio de comunicação integrante ao alcance da massa, é justamente esta tecnologia que se tornará responsável pela promoção da EaD nos anos vindouros e a iniciativa privada encontrará campo fértil de oportunidade empreendedora.



Como tudo na vida, este modelo de educação tem seus pontos positivos e negativos, contando também com vários desafios, um deles, foi/é a desconfiança na credibilidade, qualidade e alcance. Explico melhor.

A educação no Brasil, então Colônia de Portugal, ficou sob a égide dos jesuítas por mais de dois séculos, período em que o índice de analfabetos circulava em torno de 80% da população aqui residente, pouco a pouco (bem lentamente) a mudança foi sendo registrada, quando tudo parecia caminhar em uma direção positiva, os jesuítas são expulsos pelo Marquês de Pombal, a educação e o acervo literário construído até então passa a não ser importante e utilizado para embrulhar mercadorias ou ficaram encalhados nos depósitos estragando-se. (VÁLIO, 1990).

Restrições de acesso à educação para a população não abastada era regra não uma exceção no Brasil Colônia, Brasil Império e Brasil Republicano. Vários são os pesquisadores que escrevem artigos, livros, revistas e participam/discutem em seminários, simpósios e fóruns a respeito desta temática.

Ações firmadoras, para gerar uma visibilidade e conseguir incentivos financeiros governamentais junto a outros gestores públicos e países, o Brasil, através do Ministério da Educação (MEC) aderiu a programas que foram impostos em formato enlatado, não sofrendo adaptações à cultura e ao modo de vida da população brasileira, assim foi o MEC-USAID².

Nessas propostas, a educação, ao contrário de ser um bem público, se remeteria à condição de mercadoria, voltada apenas para a lucratividade; ou seja, ao abrir o mercado brasileiro para o estabelecimento de universidades estrangeiras, tais instituições formariam mão de obra em áreas pré-definidas a fim de atender aos interesses externos, desvalorizando a cultura brasileira e até a soberania nacional (JESUS, 2014, p. 39).

Muito mais ao interesse do gestor e das instituições estadunidenses, do que de fato em favorecimento dos brasileiros, ao todo foram 12 acordos assinados, que contemplavam desde o ensino fundamental até o ensino superior (JESUS, 2014). A proposta dos acordos MEC-USAID buscava implementar uma reforma para instituir o padrão estadunidense nas universidades brasileiras.

Este modelo de mercantilização do ensino no Brasil, não logrou êxito, no entanto não houve desistência em promulgar alternativas que conduzissem a este caminho. A proposta MEC-USAID foi posteriormente destituída, e em seu lugar novas possibilidades foram elencadas.

Durante os anos de 2011 a 2016, o país deu um salto considerável no número de instituições e vagas ofertadas ao ensino superior e apoio às pesquisas, o trabalho parecia uma tentativa de recuperar séculos de atraso e descaso, em especial, à massa de brasileiros, representados nas classes C, D e E.



[...] as instituições federais ultrapassaram, pela primeira vez, a marca de 1 milhão de alunos de graduação, resultado da expansão iniciada no governo Lula, em 2001 (*sic*), e que se seguiu em seu segundo mandato e continua no Governo de Dilma Rouseff. Nesse período, os dados oficiais indicam que o total de ingressantes no Ensino Superior subiu 124,9%, de 1 milhão para 2,3 milhões (JESUS, 2014, p. 37).

Neste cenário de progressão educacional, a EaD ganhou visibilidade, tendo como parceria o ambiente midiático, que na visão de Faxina e Gomes (2016) a midiatização altera qualitativamente a esfera da vida humana, conduzindo a um alcance talvez, até então imaginado, possibilitando ações e participar de movimentos sociais antes impensáveis, mas agora perfeitamente possível dentro da realidade virtual.

Desafio: qualidade x metodologia de ensino

Esse diálogo conduz a várias discussões, e por incrível que pareça sempre giram em torno do conceito de qualidade *versus* a metodologia empregada neste processo.

O campo de visão dos professores e pedagogos tradicionais é que o modelo de Educação à Distância não consegue alcançar o mesmo nível de ensino/formação que o modelo presencial. Existem também profissionais que defendem este modelo e estrutura como forma de democratização, alcance em regiões de difícil acesso e promoção da educação presencial e flexibilização para a capacitação da comunidade que trabalha e que não consegue conjugar o horário de trabalho com a participação presencial nos cursos de qualificação, técnicos, graduação e pós-graduação.

Como comentado um pouco mais acima, neste momento de pandemia de Covid-19, a EaD encontrou campo fértil como via reparadora e solução exequível para as dificuldades instaladas. Mas, claro que críticas também brotaram. E uma delas é que ao falar de democratização do ensino, ficou evidente a disparidade entre os que têm acesso e os que desejam e necessitam de acesso a internet, para que esse processo de democratização de ensino possa então fazer valer.

Este e outros questionamentos carecem de diálogo e se faz necessário para o alcance de um trabalho e resultado eficiente e eficaz, como estabelece a administração.

O modelo trabalhado com o ensino fundamental e médio, foi o Remoto, com diferença distinta do formato EaD. No trabalho remoto, professores e alunos estão presentes em sala virtual nos mesmos dias e horários que ocorreria no formato presencial, no entanto, os alunos e professores podem permanecer com suas câmeras desligadas, o que leva a um monólogo, por mais que se desenvolva o processo de sala invertida ou metodologias ativas, para tanto faz-se importante lembrar do seguinte fato. Em uma sala convencional, alunos e professores estão face a face e mesmo que não haja uma participação em massa, o processo de diálogo é mais fácil de

fluir. O método remoto propicia o distanciamento, a dispersão, ao movimento de atividades domésticas e afazeres de ordem pessoal, algo que no presencial não ocorre.

Outro fator negativo é que, por não se estar com a câmera ligada, o aluno e o docente podem dizer que suas respectivas câmeras e/ou microfones estão com defeito, não tem como eu ou você ter certeza absoluta de que a fala é verdadeira. Fica a critério e de forma subjetiva de cada docente/discente aceitar ou não a desculpa aplicada. Além destes fatores, temos ainda o fato da qualidade, ou melhor baixa qualidade no fornecimento de internet, uma deficiência que assola todo o país, sendo mais crítico em cidades pequenas e em especial a comunidade de baixa renda, pois em geral, estão localizadas nos bairros periféricos onde as empresas de prestação de serviços de internet não possuem interesse, pela baixa procura devido ao baixo poder aquisitivo.

Percebo então, que a situação vai muito além do simples fato do querer. Fatores diversos, variáveis incontroláveis constroem conjecturas negativas para o bom desempenho, além de uma falta de interesse por parte do poder público. Mas irei deixar um pouco de lado o ensino fundamental e médio, para avançar ao nível superior. Como bem frisou França Filho, Antunes e Couto (2020, p. 18) “[...] além da questão política que envolve a EaD, há forte questão teórica na medida que se desenvolve certo consenso mesmo entre educadores supostamente do campo mais progressista e que necessita ser também destrinchado para ser enfrentado”.

O que me traz a fala no contexto de evolução da educação no Brasil. Onde temos uma história que não nos deixa mentir, podem até maquiari, mas o suor e o banho é capaz de restaurar a originalidade dos fatos vergonhosos, que servem de referência para não mais praticar e participar. A historiografia revela uma lentidão na alfabetização, e um grande descaso por parte de Portugal em melhorar este quadro. Os anos de República pouco evoluíram, na verdade houve outro retrocesso, durante a ditadura militar, e que no período denominado de redemocratização ganha fôlego, acentuados a partir do final do século XX, e que agora sofre um duplo golpe, de gestão pública federal e de pandemia. Observe o comentário adiante.

A formação superior teve avanços significativos neste segundo decênio do século XXI, um número maior de instituições públicas e privadas e conseqüentemente maior oferta de vagas, tanto presenciais quanto no formato EaD. Um aumento na quantidade de municípios atendidos, considerando que o nosso país tem mais cinco mil cidades. “De 2009 a 2019, o número de novos alunos em cursos superiores à distância aumentou 4,7 vezes - saltou de cerca de 330 mil estudantes para mais de 1 milhão e meio. Ou seja, um crescimento de 378,9%” (TENENTE (G1), 2020, s/l).



Esses números são representativos para uma discussão calorosa, seu viés interpretativo traz um diálogo no setor econômico, populacional migratório, comunicacional, turístico, administrativo, empreendedor, cultural, saúde, saneamento básico, transporte, habitação, alimentos ou seja, margeia os mais diversos setores, pois direta e indiretamente foram impactados.

Aqui direciono ao desafio de estabelecer a equidade na qualidade do ensino e a metodologia aplicada.

De caráter empresarial, o modelo a ser seguido pela educação pública é o modo de organização da iniciativa privada, da gestão empresarial dos negócios, empresas ou grandes empreendimentos, visando à obtenção do seu resultado pela diminuição dos custos e a mais alta lucratividade. A escola pública não se transforma em instituição privada, mas sua gestão é realizada pela lógica privada (ou mesmo por uma empresa privada) (FRANÇA FILHO, ANTUNES e COUTO, 2020, p. 21).

Esse olhar é debatido e rebatido por diversos profissionais, dizem que é a transmutação gradativa do ensino público para as mãos da iniciativa privada. Como diria os mais fervorosos “é o desmonte da educação pública no Brasil”. O que percebo é que, desmonte ou não, precisamos de uma nova ordem na educação, lutar contra a tecnologia *a priori* parece uma luta de foice contra metralhadoras.

Devaneios de saudosistas, é querer aplicar o tal método Paulo Freire, em uma sociedade que vive e possui necessidades bem distintas daquelas vivenciadas e experienciadas na época deste senhor. Como falou Castell (1999, p. 433) “De volta ao planeta terra, a Internet, em suas diversas encarnações e manifestações evolutivas, já é o meio de comunicação interativo universal via computador da Era da Informação”. Este é o canal, o fator presente, o passado é referência para uma evolução, não uma cela para aprisionamentos e choros de lamentos. Segundo Rüdiger (2011, p. 39) “O principal está na socialização da consciência, expansão do conhecimento e, por essa via, do desenvolvimento da pessoa como indivíduo que tudo isso possibilita, ainda mais com o surgimento das novas formas e tecnologias de comunicação”.

O relato

Enquanto o mundo entrava em isolamento social, e em muitos a crise de identidade batia a porta, o aumento da violência doméstica, números crescentes de desemprego, chefes de famílias assumindo o papel esquecido de auxiliar na educação dos filhos, eu me encontrava no retorno ao trabalho depois de nove meses dedicados exclusivamente às disciplinas do mestrado.

Diante do distanciamento social e da parada no trabalho, tendo transcorrido apenas quatro semanas desde o retorno, passei então a dedicar-me a escrita da qualificação, fui aproveitar aquele momento, pois não sabia por quanto tempo iria durar, mas sabia que o tempo para escrita, qualificação, escrita e defesa tinham prazos certos, com isso não dormi no ponto. Ainda mais por está pesquisando

mediatização e cultura nas redes sociais, tinha que aproveitar a onda do momento e poder extrair o seu melhor. “O contexto em que inscrevemos nossa reflexão sobre redes sociais digitais é o da crescente mediatização social. Esta não se restringe a uma relação entre sociedade e suas mídias – como se fossem instâncias externas uma à outra” (BRAGA, 2020, p. 252).

A mediatização foi algoritmicamente me conduzindo para um ambiente de circulação informacional e direcionando meu olhar e minha criticidade em um enredo que consumia qualidade e dinamismo. Eu contava com os melhores teóricos sobre a temática, tive o privilégio de dialogar presencialmente com este corpo intelectual que principiou a discussão da mediatização, sociedade e sentido na América do Sul e que estava no seu ponto mais efervescente, não podia desperdiçar.

As aulas e as orientações passaram totalmente para o campo virtual. Para mim, muito cômodo, econômico e com bons resultados. Aqui está a minha recomendação. A EaD é surpreendente para quem deseja fazer uma segunda graduação e/ou pós-graduação, minha fala vem pautada no conhecimento de causa, cursei minha primeira graduação presencial, fiz especialização de forma semipresencial, e cursos de curta duração de forma a distância. Isso me fez compreender o universo da academia, sua estrutura de disciplinas e a forma de conduzir trabalho, atividades e estudos.

Se, eu estivesse realizado minha primeira graduação no formato EaD, certamente teria tido mais dificuldade no processo de adaptação, de estabelecer uma rotina de estudos sem a presença de um professor, tendo que recorrer as mensagens e aguardar a resposta do tutor, caso não conseguisse decodificar plenamente, faria uso da réplica, tréplica e/ou partiria para dialogar com outro colega ou me esforçar mais ainda para esclarecer minhas dúvidas somente através da leitura dos materiais. Ser um “autodidata” como costumo falar.

A vinda do formato remoto não me trouxe dificuldades, pelo contrário possibilitou-me ingressar na graduação em Jornalismo, que fui conduzindo em paralelo com o mestrado e estou concluindo em paralelo com o doutorado.

É certo que procurei uma área que está diretamente ligada a pós-graduação, fui conduzido, com toda certeza pela Ciência da Comunicação, lugar que aportei para o *stricto sensu*, e que a cada dia fui me cercado e esse processo reverberou em desdobramentos de resultados longínquos. Tive e tenho em certos momentos obstáculos que se posicionam, mas a minha tarefa é superá-los.

O ingresso em uma nova graduação e sendo totalmente EaD, preencheu todo o meu tempo, não dando margens para reflexões negativas, a metodologia aplicada nestes quase dois anos e meio vem passando por mudanças, a própria faculdade vem criando formas de humanizar

este modelo de ensino, a tecnologia tem tido papel fundamental nessa condução. Ao invés de uma simples resposta digitada, o professor passou a enviar vídeos personalizados, direcionado diretamente para mim, pronunciando meu nome, dialogando comigo, e deixando espaço para que eu pudesse também fazer o mesmo, com uma devolutiva a partir das observações feitas sobre o meu trabalho, sobre as minhas respostas nos trabalhos e avaliações.

Desafios, temos todos os dias. Enfrentá-los cabe a cada um de nós. Eu escolhi enfrentar a pandemia na busca de mais qualificação, de participar de eventos tanto no âmbito da graduação quanto da pós-graduação. Quando o meu trabalho retornou na modalidade remota, minha qualificação estava pronta, partir para a apresentação. E fui conduzindo uma rotina de trabalho, estudo na graduação, participação em eventos (com submissão de trabalhos) e de olho na defesa e na possibilidade de ingressar no doutorado.

E assim vem ocorrendo. Sem o processo de Educação à Distância, dificilmente esta entrada em uma outra graduação teria sido possível. Foi preciso então, observar as urgências sociais e pessoais que apareceram na forma de oportunidades, soube aproveitá-las e tirar o melhor proveito. Parte dos lucros, já estou colhendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que posso assegurar é que a informação é uma ferramenta de grande importância e poder. Se antes ela chegava através das ondas do rádio ou da tevê, do jornal impresso ou do cinema, hoje ela faz parte da aldeia global, como bem afirma McLuhan (1979).

A pandemia de Covid-19 apareceu para fazer o século XXI repensar seus conceitos, estabelecer novas metodologias, ampliar conceitos e neutralizar algumas verdades consideradas absolutas. A comunicação de massa não está mais presente em caixas separadas, em pacotes com laços, se as estradas eram rotas de papel para McLuhan (1979), hoje são uma sequência de zeros e uns, fazendo cruzamento algorítmico e influenciado o nosso modo de ser no mundo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Antonio Jorlan Soares de. Agenda midiática, suítes e soslais: o poder da midiatização influenciando o dia a dia das pessoas. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais**, [S.l.], v. 1, n. 3, ago. 2019. ISSN 2675-4290. Disponível em: <https://midiaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatizacao-artigos/article/view/259>. Acesso em: 01 maio. 2022.

BRAGA, José Luiz. Redes Sociais Digitais e Sistemas de Relação. In: FERREIRA, Jairo. (et. al.). **Redes, sociedade e pólis: recortes epistemológicos na midiatização**. Santa Maria (RS): FACOS-UFSM, 2020.



BRASIL. Casa Civil. Leis de Diretrizes de Base da Educação. **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 02 maio. 2022.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Órfãos da Covid-19**: mais de 113 mil menores de idade perderam os pais na pandemia, denuncia relatório do CNS e CNDH. 2021. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/2235-orfaos-da-covid-19-mais-de-113-mil-menores-de-idade-perderam-os-pais-na-pandemia-denuncia-relatorio-do-cns-e-cndh>. Acesso em: 01 maio. 2022.

DE FRANÇA FILHO, Astrogildo Luiz; DA FRANÇA ANTUNES, Charlles; CAMPOS COUTO, Marcos Antonio. ALGUNS APONTAMENTOS PARA UMA CRÍTICA DA EaD NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA EM TEMPOS DE PANDEMIA. **Revista Tamoios**, [S.l.], v. 16, n. 1, maio 2020. ISSN 1980-4490. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50535/33468>. Acesso em: 09 maio 2022. doi:<https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50535>.

FAXINA, Elson.; GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização**: um novo conceito de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016.

JESUS, Bianka de. Ensino Superior no Brasil: internacionalização hoje e os acordos MEC-USAID. **Ciência e Luta de Classes Digital**. v. 1, n. 1, p.34-44, 2014. Disponível em: <https://revistaclc.ceppes.org.br/online/article/view/31/5>. Acesso em: 02 maio. 2022.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação**: como extensões do homem. São Paulo: Cultrix, 1979.

NASCIMENTO, L. da S.; DA CRUZ, A. G. Educação em tempos de pandemia e o fortalecimento da educação a distância no ensino superior: as oportunidades do lucrativo mercado educacional. **Germinal: marxismo e educação em debate**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 258–276, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/43565>. Acesso em: 1 maio. 2022.

RÜDIGER, Francisco. **As Teorias da Comunicação**. Porto Alegre: Penso, 2011.

SALVAGNI, J.; WOJCICHOWSKY, N.; GUERIN, M. Desafios à implementação do ensino remoto no ensino superior brasileiro em um contexto de pandemia. **Educação Por Escrito**, v. 11, n. 2, p. 1-12, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/iberoamericana/N%C3%83%C6%92O%20https://www.scimagojr.com/index.php/poescrito/article/view/38898>. Acesso em: 02 maio. 2022.

TENENTE, Luiza. Portal G1. Educação. **Em 10 anos, aumenta quase 5 vezes número de alunos que entram em cursos à distância do ensino superior, diz Inep**. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2020/10/23/em-10-anos-quase-quadruplica-numero-de-alunos-que-entram-no-ensino-superior-e-optam-pela-educacao-a-distancia-diz-inep.ghtml>. Acesso em: 02 maio 2022.

UNIFOR. **Covid-19 Retoma a Importância do Jornalismo**: Jornalistas desempenham papel fundamental na disseminação de informações com credibilidade durante a pandemia. 2020.



Disponível em: <https://unifor.br/-/covid-19-retoma-a-importancia-do-jornalismo>. Acesso em: 01 maio. 2022.

VÁLIO, E. B. M. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, [S. l.], v. 2, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/1670>. Acesso em: 2 maio. 2022.

VIEIRA, Carlos. **Depressão-Doença**: o grande mal do século XXI. Petrópolis(RJ): Vozes, 2018.